



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

Autorização DE00322077CE



O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

25 de Setembro de 2021 • Ano LXXVIII • N.º 2023
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



Cada doente traz consigo uma fortuna... eles são páginas em sangue de teologia — Pai Américo.

PELA CASA DO GAIATO DE SETÚBAL

TERMINOU o tempo estival. Este ano foi vivido diferentemente dos anteriores pela necessidade de recriação de “momentos” que pudessem contentar os nossos rapazes, que se viram impedidos de poder gozar plenamente do sol de merecido lazer na Arrábida.

No entanto, tiveram oportunidade de viver outras experiências que marcaram este Verão de uma forma muito graciosa.

Como ter sido a primeira vez que acamparam, com a animação que rodeia a montagem da tenda, a obrigação de respeitarem o silêncio de todos e, particularmente, de atenderem ao facto de se encontrarem rodeados de outros campistas. Comer à luz de um “foco” e, durante

a noite, terem de se deslocar aos balneários correspondentes para satisfazer as necessidades higiénicas, algo que admiravelmente conseguiram cumprir...

Com a orientação de um formador viveram a experiência de praticar alguns desportos radicais, tais como “escalada” numa das famosas fendas do parque natural da Arrábida, “paddle” nas límpidas águas do Portinho e também “snorkling”, observando a riquíssima e exuberante flora subaquática da costa e a sua variada fauna, ao ponto de se ter capturado um polvo, e algumas estrelas do mar, que depois de admiradas e fotografadas foram restituídas ao seu natural “habitat”...

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Imperfeição

TENHO andado um pouco mais atento à nossa «bicharada», acompanhando quem deles cuida. As coisas mais insignificantes vão-me assim captando a atenção, fazendo-me por vezes reflectir e tirando ilações.

Desta vez foi mais uma ninhada de pintainhos que nasceu, dos quais um com deficiência motora. Embora com robustez idêntica aos outros, bem se esforçava por caminhar mas não tinha condições para o conseguir.

Estavam todos ali mas foi aquele que me prendeu a atenção. Tive pena do pinto mas nada lhe podia fazer.

É comum dizer-se que a vida é um mistério. É maior é o mistério quando a vida se nos apresenta marcada pela imperfeição.

Quando uma nova vida desponta, se o novo ser é, naquilo que é possível ver-se, perfeito, todos ficam satisfeitos e ninguém se questiona sobre a vida que despontou. Mas, se o novo ser é portador de alguma imperfeição ou deficiência, quem o observa logo se questiona e é assaltado por sentimentos de tristeza. Este é o impacto inicial e geral.

Porém, se se trata de um ser humano, e quem o contempla é quem o gerou, a reacção perante esta situação poderá ser completamente diferente. Será sempre diferente se existir um olhar e um acolhimento amoroso para com o novo ser. Quantas vezes, depois, essa experiência amorosa se torna absorvente, a ponto de ser maior a união quando o filho nasceu com alguma imperfeição do que com outro nascido sem problemas!

Esse amor não é passivo, nem se compraz com a imperfeição. Por isso, logo começam os trabalhos para a procurar debelar, sem olhar a meios e a dificuldades para melhorar a situação. É à medida que vai melhorando a alegria vai crescendo.

Este modo de agir não se aprende, é obra do amor. É uma resposta acolhedora das imperfeições humanas e um sinal de esperança de que serão vencidas. Não foi em vão que Jesus trabalhou nesse sentido e confirmou que «haverá mais alegria no Céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento». Ele falava das nossas imperfeições e convidava a deixá-las. Foram estes, os marcados por imperfeições, que motivaram a Sua vinda: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores».

Toda a obra que acolhe os imperfeitos e deles cuida é obra de amor. Podemos por isso vê-la como obra de Deus.

Padre Júlio

MALANJE

HÁ uma semana recebi um e-mail de uma leitora do Jornal encorajando-me a continuar a escrever e que os meus artigos tinham diminuído de qualidade... depois, de uma forma simpática, acrescentou que compreendia pelo quão agitada era a nossa vida, mais, ainda, com o meu estado de saúde. Respondi-lhe que, honestamente, tinha preguiça de escrever e que prometia dedicar um pouco mais de tempo a esta difícil tarefa de fazer uma paisagem da realidade com uma mala cheia de letras.

Praticamente todos os dias vamos à fazenda da Carianga e, no caminho do carro, encontramos dezenas e dezenas de crianças; a maioria delas menores de 6 anos de idade. Como se fosse de um filme a que assistíamos quando éramos pequenos; onde, depois de 40 anos, parece ter parado o tempo.

De entre todas elas, há uma menina de apenas 4 anos que, há mais de 4 meses, quando o carro passa, sai correndo de sua casa de barro e sobe a um monte de terra para me saudar: “padre, padre, padre...” e começa a saudar com seus pequenos bracinhos. Depois de tocar a buzina do carro, ela começa a rir, rir, rir e a saltar como só as crianças sabem fazer... sem complexos, sem medidas... e sempre me faz sorrir por mais amargo que seja o dia.

Há algumas semanas pedi às Irmãs que me dessem uma boneca para dar à menina e elas me deram um cavalo azul onde coloquei uns caramelos... Naquele dia pude ver seu rostinho porque ele sempre me cumprimentou à distância. Daquele dia em diante, às vezes, passo de carro distribuindo caramelos e sambapitos por todos os pequeninos que encontro.

Ontem o chefe-maioral publicou o edital geral onde estão distribuídas todas as responsabilidades a todos os rapazes. Como sempre, é muito importante que todos estejam na lista e todos contribuam com seu trabalho para poder fazer caminhar a nossa Casa do Gaiato. Obrigado leitora, pela sua recomendação, espero esmerar-me mais. Um abraço.

Padre Rafael

BENGUELA – VINDE VER!

Novo seminarista

O nosso «Manuel Jesus Lucamba» acaba de dar entrada no seminário Médio da diocese de Benguela. Foi o Segundo ano consecutivo de tentativa para o seu ingresso. À segunda foi de vez. Depois de alguns anos de frequência ao grupo vocacional da nossa Casa, apresentou-se para o exame de admissão. Os resultados foram positivos e prontamente fomos responder às exigências contidas na carta de autorização para a sua entrada. Entre os requisitos, saltou logo de vista o enxoval a constituir. Roupa de cama, calçado, indumentária para a sua boa apresentação diária, material gastável para a higiene pessoal e toda a documentação necessária. Também constavam das exigências um fato para o Domingo e as celebrações importantes lá do seminário. Quando me colocou a preocupação do fato logo pensei no padre Rafael que em 2011 na véspera da minha ordenação sacerdotal, foi a Espanha de férias e quando regressou ofereceu-me a sua casula que tinha usado na sua ordenação sacerdotal, a mesma que me vestiu o Padre Telmo no acto da vestimenta diante do altar. Ao nosso aspirante à vida sacerdotal não ofereci uma casula nem estola isso será quando pela graça Divina e o parecer da Igreja for achado digno para a sagrada ordem sacerdotal. Como lembrança e como necessitava mesmo de um fato levou o que tinha eu vestido no dia da minha ordenação sacerdotal, que o Senhor padre Eduardo tinha comprado em Espanha. É bom ter memória dos acontecimentos. Faz-nos bem a todos ter memória dos factos para melhor agradecer. Tudo é graça. É Graças a Deus! É também graças aos homens e mulheres de boa vontade.

O nosso «Jesus» deu entrada na nossa Casa do Gaiato quando tinha 8 anos de idade. Veio com dois irmãos que ainda cá estão: o «Henriques» é o mais velho a terminar o ensino Médio. E o «Joãozito» que é o mais pequeno dos irmãos. Vieram por intermédio da irmã Lídia, uma religiosa que esteve

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

MEMORIAL / MUSEU PADRE AMÉRICO — OBRA DA RUA — Colocamos na escadaria os quadros que vários artistas fizeram para colaborar no livro «É tempo de falar do Padre Américo», e que estão à disposição de quem os queira adquirir. São pintores com nome firmado no mundo artístico nacional.

VINDIMA — Já fizemos a nossa vindima, em que todos os rapazes disponíveis se encarregaram de vindimar. Começamos pela vinha da mata que é a parte maior. As uvas que colhemos foram para a adega. Depois colhemos a restante, de que fizemos vinho para o consumo da Casa. A produção foi mais fraca este ano, em quantidade e em qualidade.

ANO LECTIVO — Os nossos rapazes já começaram o novo ano lectivo. Esperamos que regressem à escola com boa vontade de estudar e levar a escolaridade para a frente. Temos pena que a professora de inglês do Nuno tenha mudado de escola e lhe desejamos que tudo lhe corra bem.

AVENIDA — O Paulo «Mudo» andou a rapar as ervas daninhas da nossa avenida. Ainda há pouco fez esse trabalho, mas entretanto as ervas voltaram a crescer. Os rapazes foram depois varrer e apanhar os montes que fizeram. A avenida ficou bonita, só é pena que a bica esteja seca neste momento.

CONTENTOR — Continuamos a preparar um contentor em Paço de Sousa que seguirá para a nossa Casa do Gaiato de Malanje. Levará uma carga variada de coisas que serão muito úteis para a comunidade, tais como bens alimentares, roupa e calçado, material escolar e livros, ferramentas e equipamento para as oficinas e agricultura, peças para as máquinas agrícolas, etc.. Esperamos que tudo corra bem, e agradecemos às pessoas que nos ajudaram a preparar este contentor.

Fausto Casimiro

MIRANDA DO CORVO

PRÉMIO DE RECONHECIMENTO — No âmbito do *Programa Autarquia Solidária*, em que foi contemplado o município de Miranda do Corvo, a nossa Casa do Gaiato — fundada por Pai Américo há 81 anos — foi distinguida com um significativo *Prémio de reconhecimento*, que muito nos sensibilizou. O evento aconteceu a 1 de Setembro, no Centro de Desportos e Congressos de Matosinhos. Foram receber o prémio, que agradecemos, o nosso Padre Manuel e o Anelca (sendo cantados os *parabéns* pelos seus 14 anos!). Para registo, eis o teor do texto da placa alusiva: *O Município de Miranda do Corvo reconhece a Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato de Miranda do Corvo pelo trabalho exemplar que tem desenvolvido na área social, ao longo dos tempos, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida do concelho, com pessoas mais felizes!*

INÍCIO DO ANO LECTIVO — Nos dias 16 e 17 de Setembro, começou o ano escolar para os alunos do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, no qual se encontram matriculados quase todos os Rapazes desta Casa, desde o 1.º ciclo ao ensino secundário. Antes, para cada Rapaz, foi necessário arranjar material escolar (mochilas, cadernos, canetas, lápis, etc. — do que nos foram dando) e livros: manuais usados, emprestados; compras de manuais em falta e de cadernos de actividades. Ficámos contentes pelo regresso às Escolas com ensino presencial. Vamos tentar portar-nos bem, e temos de nos aplicar nas aulas e no estudo. No nosso centro de estudo — escola, as várias salas foram organizadas conforme os anos de escolaridade; e o acompanhamento é feito por professores destacados.

SAÚDE — Os Rapazes desta comunidade com mais de 12 anos foram todos vacinados contra a covid-19, estando em conclusão a 2.ª dose. Conforme as indicações da Direcção-Geral de Saúde, devemos continuar a usar máscara de protecção nas escolas. Em nossa Casa, também vamos pondo máscara, logo de manhã. Foram retomadas algumas consultas de especialidades, no Hospital Pediátrico de Coimbra.

AGROPECUÁRIA — Foi cortada a relva dos jardins inclinados para o campo da bola, com os dizeres: *MIRANDA* e *O GAIATO*. Da nossa horta vieram para as nossas refeições: couves, tomates, pepinos, pimentos, curgetes, melancias; depois, parte desse terreno foi fresado. Neste ano agrícola, foram colhidas as uvas (das latadas) para fazer algum vinho, em Lamas; e também comemos bons cachos de uvas (de mesa). No pomar, foram apanhados figos e pêras; e o terreno foi fresado. Na saúde animal, o nosso efectivo de ovinos foi vacinado, desparasitado e feito o rastreio da brucelose. A 14 de Setembro choveu torrencialmente, pelo que também as nossas terras, em especial de baixa, ficaram encharcadas; e parte da Rua Casa do Gaiato ficou um *lençol de água*. Na cerca das ovelhas foi semeada aveia, para depois pastarem.

CAMPANHA DE ASSINANTES D'O GAIATO — Recebemos algumas missivas de amigos e assinantes, por carta e correio electrónico, inclusive de novos, com palavras de estímulo e partilhas. Bem-hajam! Quem dera que venham outros leitores d'O Gaiato. Como na Reitoria de Coselhas, em Coimbra, foi dado a conhecer o nosso jornal, esperamos que alguns amigos queiram inscrever-se.

Rapazes de Miranda



CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

REVITALIZAR CONFERÊNCIAS VICENTINAS — Já falamos aqui na colaboração, juntamente com outras Conferências da nossa zona, no trabalho de revitalização de uma Conferência Vicentina que estava a precisar disso. Isso foi conseguido, mas há mais casos a precisar desta intervenção.

Vai ser preciso encontrar localmente pessoas com disponibilidade e perfil para o trabalho vicentino. Todos serão bem vindos, mas é desejável que, nos que vierem, haja pessoas de estratos etários jovens.

Os senhores párocos são aqui personagens muito importantes. Eles podem fazer muito para ajudar a mobilizar essas pessoas, mas também podem estragar, o que não convém.

Por vezes nas actividades da catequese, ou dos grupos litúrgicos há iniciativas pontuais no sentido da solidariedade. Também nas actividades das escolas isso acontece. É preciso que essas iniciativas deixem de ser pontuais e essa boa energia seja canalizada para uma organização que passe a trabalhar regularmente no sentido da solidariedade, ou da Caridade, para usar um termo mais cristão, como é uma Conferência Vicentina.

BEIRE — Flash's

Chola, o menino ferido...

1. — ... *Se tu soubesses da minha vida...* Pois! Todos ouvimos isto e, às vezes, também o dizemos. Assim como que a *pedir compreensão* para... Mas penso que nem ele sabia da sua vida. Conheci-o na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Foi no princípio da década de 60, séc pp. Já não era um *batatinha*, mas ainda pertencia ao *grupo dos pequenos*. Uns sete a oito anitos. Estou a vê-lo. Sempre de *velas acesas*, amarelas, grossas, com a monca espalhada pela cara. Urgido pelo seu *grupo de pertença*, se não podia fugir, varria terreiros e apanhava azeitona. Mas sempre e só *como quem vive o medo de morrer de fome...* Para ele viver era procurar que comer. Hoje, entendo — estava ferido pelo *morto de fome...*

De noite, eu tinha por missão acordá-lo(s), levanta-lo(s) e pô-lo(s) a fazer xixi, de tantas em tantas horas. Porque, senão... Aquilo era uma desgraça — *de grossibus et de finibus* sobre os lençóis lavados...

Em seu *nome de guerra* ele era o *Chola*. Sempre o conheci assim, nem precisei saber o seu nome verdadeiro. Sei que foi/é ele o meu grande *mestre*, na difícil arte do aprender a com+viver, saudavelmente, com as constantes e inevitáveis contradições da vida. Era um ser humano mais que *estranho*. Eu era um insipiente aprendiz da difícil *arte de amar*. E ele era uma crian-

As Conferências foram criadas, em 1833, por um jovem, Frederico Ozanam, quando este tinha 20 anos, que juntou a si mais cinco jovens para fundar a primeira Conferência.

Dito isto, todos são bem vindos ao trabalho vicentino, tenham a idade que tiverem, enquanto as forças o permitirem. O que é preciso evitar é que uma Conferência caia numa situação em que todos, ou quase todos os seus membros tenham uma idade tal que não dê perspectivas de renovação, quando a saúde dos seus membros já não lhes permitir que possam continuar a ser activos no trabalho vicentino.

Vamos ver o que é possível fazer no sentido de concretizar a boa máxima do Pai Américo: “Cada paróquia cuide dos seus pobres!”

Os nossos contactos (*só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal*)

Conferência de Paço de Sousa
A/C Jornal O Gaiato
4560-373 Paço de Sousa
Telem. 965464058
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

O nosso NIB: 004513424003543534043 (*só para donativos para a Conferência e não para a Casa do Gaiato*).

Américo Mendes

ça bem difícil de amar. Sempre fugidio. Meio *bicho de buraco*. Cabelos no ar, ares de *augado*, meio *vergadito* de tanto olhar pró chão, à procura de qualquer coisa que pudesse meter à boca.

À hora das refeições, era o primeiro a chegar à porta do refeitório. Punha-se mesmo coladinho a ela, não fosse algum atrevido roubar-lhe o lugar d'*o primeiro*... Quando o chefe abria a porta e todos mostravam as mãos lavadas, se conseguia passar sem ter de voltar atrás para ir de novo lavar bem as mãos, a caminho da sua mesa, o *Chola* sempre botava a mão a algum bocado de pão, que logo *despejava* goela abaixo. Depois, toda a comida era boa... Tudo lhe servia. Se algum dos colegas de mesa era mais *biqueirito* e *não gostava* ou deixava algo no prato, *Chola* não tinha problema — ia tudo. (...). Só mais tarde é que percebi o p'*OrQué* ele era assim. Ainda me dói, só de vo-lo contar.

2. **Ferido pela 'não existência'...** Por exigência d'*A Vida*¹, passados anos, virei aprendiz de *Análise Transaccional*. Foi a minha paixãozita *AT*; já profissionalmente destacado para *formador* na área das *Relações Interpessoais*... Sentia-me mesmo empenhado em aprender a explicar

PÃO DE VIDA

Do Venerável Padre Américo

Última viagem

NESTE acontecimento extremamente marcante estiveram presentes autoridades religiosas, civis [v.g., Dr. Domingos Braga da Cruz, Governador civil do Porto; Dr. José Guilherme Melo e Castro, Sub-Secretário de Estado da Assistência Social] e militares. Foi testemunhado por uma multidão de pessoas em lágrimas ao longo do seu percurso, com mais de um milhão de automóveis, desde o Porto, em grande emoção: *E o povo, o Porto inteiro, ajoelha-se à passagem do Amigo mais amigo dos pobres. Ajoelha-se, reza — e chora* [Diário do Norte, 17 Julho 1956]. Nesse itinerário penoso, seguiram-se outras localidades — Valongo, Vilarinho, Gandra, Baltar, Cête — até à passagem do Rio Sousa, pela ponte de Areias, na EN 106-3, entrando assim na histórica freguesia do Salvador de Paço de Sousa, vizinha de Galegos, em cujas terras beneditinas se encontram raízes bem profundas e ramos dos seus avoengos.

Por fim, o cortejo fúnebre chegou ao lugar do Mosteiro, entrou no portão principal da Casa do

Gaiato de Paço de Sousa, subiu a Avenida Eng.º Duarte Pacheco e terminou no largo da Capela da Aldeia do Gaiato, altaneira e linda. Uma década antes, Padre Américo tinha escrito o seu [pres] sentimento: *Peço todos os dias. Imploro! Espero. Confio. Desejo acabar os meus dias nos sentimentos da Cruz. É a vida que faz a morte. Hei-de passar rentinho ao cruzeiro e às alminhas, naquele dia tremendo, grande como nunca fui — porque morto* [O Gaiato, n. 62, 13 Julho 1946]. A seguir, foi celebrada Missa de corpo presente, presidida por D. Rafael da Assunção, O.F.M., Bispo de Limira, que afirmou: *Estou aqui — salientou — como amigo pessoal e admirador do Padre Américo, e para fazer um requerimento: que Deus lhe dê entrada no Céu. [...] A Igreja, Portugal e o Mundo correram o risco de perder um grande padre — correram o risco de perder o maior apóstolo dos nossos dias [...]. O Padre Américo era, realmente, um grande homem e um grande sacerdote* [O Comércio do Porto, 18 Julho 1956]. Depois, especialmente os seus gaiatos desfilarão com tristeza e saudade, junto à urna, despedindo-se de Pai Américo — o seu maior amigo — deste modo:

Todos se baixaram e beijaram, filialmente, a testa do Padre Américo. As lágrimas banharão-lhes as faces, e as cenas que pudemos observar são de cortar o coração [ibidem]. O cortejo fúnebre desceu, então, a Aldeia dos Rapazes para o Terreiro de Gamuz e entrou na Igreja Paroquial do Salvador de Paço de Sousa, onde foi rezada outra Missa, concelebrada por vários sacerdotes e muito povo. De lembrar justamente que os seus Pais, Teresa e Ramiro, contraíram Matrimónio nesta Igreja e também nela Padre Américo celebrou Missa Nova! Finalmente, pelas 15 horas, a urna com o corpo do Padre Américo deu entrada no cemitério paroquial de Paço de Sousa. Os monges do Mosteiro de Singeverga cantaram as Exéquias solenes. O Dr. Eduardo Augusto Frederico de Albuquerque, advogado, fez um elogio fúnebre, em que afirmou a dado passo: *Orava em silêncio — mais praticando que falando!*... Então, à vista de toda a gente — em especial familiares,

Continua na página 4

Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. □

os esquisitos meandros do *comportamento humano*. Eu próprio me via tantas vezes assim *contraditório* — “não faço o bem que quero e faço o mal que não quero...” (Rom 7, 15). Alertado pelo princípio de que “nada sucede sem alguma razão”, senti necessidade de descobrir a história deste menino. P.º Horácio ainda era o *pai* da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — hoje aos cuidados do nosso P.º Manuel Mendes. Uma Casa por onde também eu tinha passado.

Voltei a Miranda a indagar. Senti-me bem recebido. P.º Horácio lembrava-se de tudo. Talvez isto até conste de alguma *Tribuna de Coimbra*, n.º O Gaiato daquele tempo. Sei é que eu mesmo, arrepiado de todo, ouvi a história do *Chola*, da própria boca de P.º Horácio que o recolheu, nas *Latas da Conchada*, em Coimbra. Ouvi. Envergonhado de mim mesmo porque, ignorante, alinhava com as “autoridades da Casa” nas *malas-artes* de querer educar o *Chola à maneira dantes*. Então, tomava-se à letra o velho ditado (*sábio*, mas perigoso) de que *de pequenino se torce o pepino*... Ferido profundamente na sua luta pela sobrevivência, o *Chola* não *torcia* nem à lei da bala; não houve maneira de o educar. Porque teimávamos no *entrar por fora*. Mas aquilo vinha *tão lá de dentro* que não houve maneira. Tinha sido preciso *amá-lo por dentro*, até ao ponto (bem difícil!) de o *acordar* para a necessidade de *aprender a amar(-SE)* a si próprio, bem *por dentro*, apesar de tão ferido.

Por falta d’*ISSO*, resistia a todas as nossas *tentativas de torcedura*. Sempre num *jogo psicológico*² de *polícias e ladrões*, em que se tornou um grande *mestre*. Porque arranjava sempre maneiras de enganar a vigilância e surripiar aquilo que, para ele, era *comida* — nem que fosse do tanque da *lavagem* (vianda) que, por um cano de esgoto, descia da copa da cozinha para o aido dos animais... Aquilo era sabido — o *Chola* saía do refeitório e corria para o tanque, onde sempre havia um pau — para mexer os fundos... Cascas de fruta ou de batata, bocado de pão que ali boiasse ou viesse à tona quando mexido, *Chola* botava a mão e engolia...

(Estou mesmo a chegar lá... Pois, mas o meu espaço já se foi. Se queres saber o resto, volta no pf n.º 2024, d’O Gaiato).

1 — Sempre que escrevo esta *expressão*, lembro aquela de que, “hoje, são já muitos cientistas que estão de acordo em que *Deus, Vida e Amor, são uma só e mesma coisa*”. Não sou *cientista*, nem filósofo, nem teólogo, mas sinto-me também, e *muito!*, nessa linha... Se for caso disso, *que Deus me perdoe*...

2 — A expressão ‘jogo psicológico’ é um dos *Dez Instrumentos da Caixa de Ferramentas* que a *AT* é. Uma ótima *grelha de leitura* para desmontar as nossas relações de auto e hetero *engano*... Pena ser tão mal conhecida. Será que todos temos assim tanto medo de nos conhecermos e nos deixarmos conhecer?

Um admirador

PATRIMÓNIO DOS POBRES

TINHA pensado fazer um resumo da encíclica *todos irmãos* do nosso querido Papa Francisco, mas ela é tão rica, tão profunda e tão alargada que não sou capaz de a sintetizar de forma a que todos os leitores d’O GAIATO possam ter uma ideia próxima do seu conteúdo.

O Santo Padre inspirado em São Francisco de Assis propõe-nos uma vida com *sabor a evangelho* que não deve de ser outro o rumo diário de cada cristão.

Aquele Santo que se sentia irmão do Sol do Mar e do Vento tinha consciência de que a sua carne era mais fraterna dos pobres, abandonados e dos doentes descartados, dos últimos do que a própria Natureza.

Abriu-se ao Mundo é uma expressão de que hoje se apropriaram a Economia e as Finanças.

Que significado têm hoje as palavras como democracia, Liberdade, Justiça e Unidade? Foram manipuladas e desfiguradas para serem utilizadas como instrumentos de domínio, como títulos vazios em conteúdos para os quais a palavra servir justifica qualquer acção.

Há regras económicas que foram eficazes para o crescimento mas não de igual modo para o desenvolvimento humano integral. Aumentou a riqueza mas sem equidade e assim nasceram novas formas de pobreza.

Hoje como ontem na raiz da escravatura está uma concepção da pessoa humana que admite a possibilidade de a tratar como um objecto.

A parábola do bom samaritano é a base de toda a reflexão do Papa. As personagens bem caracterizadas, as atitudes de cada um, a apreciação global de todos põe bem em evidência o falhanço de uma Fé sem obras, sem motivações de fundo cristão.

Para se tornar possível o desenvolvimento de uma comunidade Mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de Pobres e Nações que vivam a amizade social é necessário **Política Melhor**. Uma política colocada ao serviço do bem comum, mas hoje, infelizmente, muitas vezes a política assume formas que dificultam o caminho para o bem comum.

Deixai-me repetir aqui que a crise financeira dos anos 2007 e 2008 foi ocasião para o desenvolvimento de uma nova economia mais atenta aos princípios éticos para uma nova regulamentação da actividade financeira especulativa e da riqueza virtual. Mas não houve uma reacção que fizesse repensar os critérios obsoletos que continuam a governar o Mundo. Antes pelo contrário parece que as reais estratégias posteriormente desenvolvidas no Mundo se têm orientado para maior individualismo, menor integração, maior Liberdade para os que são verdadeiramente poderosos e sempre encontram maneira de escapar ilesos.

A encíclica aborda todos os aspectos da caridade e Liberdade, bem como as várias formas de exercer no plano individual com o próximo e os que estão longe.

A caridade não tem fronteiras, nem nações nem continentes. A caridade e a Verdade são a Luz de todos.

Porque me esqueci do meu exemplar da referida encíclica tive que recorrer a uma cidade próxima para comprar o pequeno livro, cujo o custo é irrisório. O que me fez sentir o alheamento da pastoral à voz do papa.

Não quero que os meus leitores deixem de ler e reler este documento que nos abre os olhos não só para os nossos deveres como para as obrigações dos outros, sobretudo dos responsáveis políticos que corrompem a própria política como a **actividade nobre** assim definida pelo Santo Padre.

Toda a encíclica revela da parte do Papa devoradoras preocupações com os pobres, os infelizes e descartados, os últimos de toda a humanidade num desejo sublime de fraternidade e amizade social em todos os continentes.

Francisco acentua o que diz São João Crisóstomo: *não fazer os pobres participar dos próprios bens é tirar-lhes a vida, não são nossos os bens, mas deles os bens que aferrolhamos*. Continua o próprio Pontífice: *o direito à propriedade privada só pode ser considerado como um direito natural secundário e derivado do princípio Universal dos bens criados (...) mas acontece muitas vezes que os direitos secundários se sobrepõem aos prioritários e primordiais*.

Padre Acílio



SEDE DO EDITOR: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt • [facebook.com/Casa.do.Gaiato](https://www.facebook.com/Casa.do.Gaiato)

www.obradarua.pt • <https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/>

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 13400

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

SINAIS

OS doentes que nos retiraram estão ansiosos pelo fim das obras. No Natal? Talvez no Natal. Temos esperança. Quando se remodela uma obra, surgem sempre imprevistos que urge remediar.

Porém, não é tanto o aspecto das obras de pedra e cal. É sobretudo, o aspecto humano no vasto campo de doentes incuráveis. Isto, neste campo de doentes sem apoio familiar e não atingidos pelos regulamentos sociais.

Conservar e manter com amor o espírito de Pai Américo, pois é a ponte no rio. Se não, o perigo das águas.

Temos esperança. Sabemos que Jesus nos vai ajudar:

Jesus, Tu debruçado
No pico mais alto
Dos Imalarias —
Sobre as ravinas
Dos nossos corações!
Ravinas fundas
Que são Tua dor —
Nas nossas fugas
Ao Teu amor.

Fui com o Sr. P.^o Alfredo acompanhar o nosso Adão ao Seminário do Porto — onde vai frequentar o 3.^o ano de Teologia. Desde menino, na Casa do Gaiato de Malanje — Angola —, foi sempre um gerador de simpatia. Assim se conserva e lá ficou para o seu 3.^o ano.

Temos mais três gaiatos, também na Casa de Malanje, a estudarem no Seminário de Malanje: O Paulo, no fim do segundo ano de Filosofia.

O José Dala, no início do 2.^o ano de Filosofia.

O Job, no 11.^o de Preparatórios.

É uma alegria para todos nós. Que o Senhor os ajude a manter e aprofundar a sua vocação. Será uma alegria para a nossa Obra. Vamos em frente!

Padre Telmo

PENSAMENTO

Mais duzentos escudos de um sacerdote, «que eu poupei nas termas». Que lindo aquele poupar! Privações, não; ninguém pede sacrifícios; mas se o mundo elegante soubesse poupar para o mundo pobre, (...) Poupar no comer, poupar no vestir, poupar no zarcão! De tal maneira o mundo se diverte e com tamanho estrondo se pinta, que as famílias pobres estremeçam em suas casas e sentem a vida a cair aos pouquinhos, abalada com tanto barulho.

PAI AMÉRICO, *Pão dos Pobres*, 1.^o vol, 5.^a ed., p 318.

PÃO DE VIDA

Continuação da página 3

Rapazes (seus filhos), *Padres da Rua*, povo da terra e da região, e muitos amigos — o corpo do Padre Américo desceu ao pó da terra, sendo sepultado no cemitério de Paço de Sousa [a nascente], ao lado do jazigo da sua família da *Casa de Antelagar*. Ficou temporariamente junto ao Mosteiro de Paço de Sousa, onde outrora [séc. XII] quis repousar o sono eterno D. Egas Moniz, de Ribadouro, símbolo da lealdade portuguesa.

O acidente do Padre Américo em S. Martinho do Campo — Valongo, a sua morte no Porto e o seu funeral para Paço de Sousa tiveram enorme eco na Igreja, na sociedade e na comunicação social durante longos dias. Foi geral a consternação em Portugal inteiro, causada pela morte do *grande apóstolo do bem*, v.g. na cidade do Mondego: *Todos os estabelecimentos comerciais de Coimbra têm meias portas encerradas em manifestação de pesar pela morte do Rev. Padre Américo. Centenas de telegramas de condolências foram remetidos desta cidade para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, e muitas individualidades de Coimbra seguiram para o Porto, a fim de participarem no funeral* [Diário do Norte, 17 Julho 1956]. Entre inúmeras expressões de sentimentos de dor, v.g.: Voz da Igreja — *Está de luto Igreja em Portugal e mais órfãos rapazes da rua. Ajoelha oferecendo patena Santa Missa grande Obra evangélica realizada. Cardeal Patriarca* [D. Manuel Gonçalves Cerejeira]; Voz dos Pobres — *Pai Américo! Pai Américo! não respondes... ai que estou órfão! Perdi o meu Pai!!!*; Testemunho de um Padre da Rua — *Os desígnios de Deus constituíram-me seu «cirenau» os últimos dois anos. Passámos juntos a noite derradeira. Meus ouvidos indignos escutaram suas últimas palavras conscientes. O peso da sua Cruz ficou-me por herança. E agora já não sou eu que ajudo, é ele que me conforta até ao cimo da crucifixão. Padre Carlos* [O Gaiato, n. 324, 28 Julho 1956].

No 30.^o dia do passamento do Padre Américo, na Igreja da Trindade, foi celebrada uma Missa presidida pelo Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, sublinhando que a lição da sua vida: *resume-se toda naquela evolução fonética e semântica Padre Américo — Pai Américo* [...]. Sendo que *foi grande no amor do próximo porque foi grande no amor de Deus* [vd. Voz do Pastor, 25 Agosto 1956]. Cinco anos depois da sua morte, em 17 de Julho de 1961, os seus restos mortais foram trasladados para a Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa e jazem a norte, sob um belo vitral com um pelicano, em simples campa rasa de granito, com uma cruz em relevo e esta inscrição na pedra da sepultura: *ERA 1956/ AMÉRICO MONTEIRO D'AGUIAR/ PRESBÍTERO*.

O primeiro Postulador da Causa de glorificação canónica, D. Gabriel de Sousa, O.S.B., escreveu assim: *milhares de pessoas que, de toda a parte, visitam a Aldeia, vão ajoelhar junto daquela campa e rezar, convencidas de que quem tão caridoso foi na Terra, sem dúvida o será mais, se possível, no Céu* [Portugalensis/ Canonizationis Servi Dei/ Americi Monteiro de Aguiar/ Sacerdotis/ Petitiones et Articulus. [1990], [dact.], p.18].

Padre Manuel Mendes

OS NOSSOS LIVROS

«Foi há muitos anos na cidade de Braga. Andava eu por lá em campanha de assinaturas para O Gaiato e ouvi de um venerando sacerdote esta palavra cujo eco nunca se calou: 'Quando alguém se debruçar sobre o Padre Américo-Místico, então é que vai ser...!'

É verdade que eu próprio, ao apresentar a 'primeira publicação de fôlego sobre o Padre Américo-Pedagogo' que é o livro *A Porta Aberta*, referi, entre outras facetas que nos 'permitiriam ir reconstruindo a sua personalidade total', esta do Padre Américo-Místico, o apaixonado de Cristo, o homem de um só livro e de fé invencível nas Bem-aventuranças, pela vivência das quais demonstrou que elas não são utopia se se atravessa a terra dos homens a semear o Reino de Deus.

Como David diante de Golias, também ele preferiu à armadura de Saul, seixos redondos — matéria a que havia de dar forma o Santíssimo Nome de Deus, o Senhor dos Exércitos, que, em todos os tempos, urge desagrar.

Nesta vertente da espiritualidade, surge como primeiro estudo, também ele de fôlego, o trabalho do Padre José Ramos, uma *achega preciosa que abre caminho a outras*. — Padre Carlos, pg XI-XII.

O livro pode ser pedido à Editorial Casa do Gaiato pelos meios habituais — telef.: 255752285 ou e-mail: geral@obradarua.pt

BENGUELA – VINDE VER!

Continuação da página 1

em Angola das Irmãs de Fátima, de quem eles hoje ainda têm muitas lembranças e saudades, agora em Portugal nestes últimos anos.

A vocação é um dom maravilhoso que vem de Deus. Ao vocacionado cabe a tarefa de responder «sim» à «martelada» no dizer de Pai Américo. O nosso padre Manuel António à hora da reza do Terço exortava muitas vezes no sentido de que se um ou outro rapaz que viesse a sentir o chamado de Deus que não tivesse medo de dizer sim. Na caminhada vocacional há sempre um irmão ou uma irmã, um sacerdote ou um catequista que nos leva até Jesus. Foi no dia oito de Setembro que entramos na carrinha com o enxoval pronto a caminho do Seminário. Fomos só os dois. Pelo caminho conversávamos sobre a necessidade do cumprimento das normas do Seminário e a postura correcta a assumir. É natural que seja muito difícil nestes tempos um rapaz deixar a Casa do Gaiato devido aos afectos que se criaram. Afinal aqui é a sua família. Um caso que reflecte isto mesmo foi o episódio que se deu no fim do terço quando me perguntaram se ao ir ao seminário o «Jesus» deixava automaticamente de ser da casa do Gaiato. Não, nunca. Nas férias virá passar aqui em Casa. E quando for ordenado pela graça e misericórdia de Deus virá certamente para servir os seus irmãos numa das Casas do Gaiato conforme as orientações vindas da nossa Casa Mãe em Paço de Sousa, na pessoa do director Geral da Obra. Ficaram todos contentes. O «Jesus» saiu de um grupo vocacional constituído pelos rapazes da nossa Casa. São cerca de 35 vocacionados. Alguns adolescentes outro médios e maioritariamente liderado pelos nossos «batatinhas». Todos querem ser padres. Só o «Marito» é que quer ser bombeiro e o «Inácio» quer ser polícia para apanhar os ladrões.

Já no interior do Seminário fomos recebidos pela organização pela entrada dos novos candidatos. Fomos saudar os padres e apresentar o nosso rapaz. Ficaram felizes. Ficamos todos felizes. Na catequese que dei aos rapazes sobre a entrada no Seminário sublinho as seguintes orientações: não há nada melhor nesta vida que não seja viver para os outros. Ontem a Casa do Gaiato ajudou-te a chegares hoje a ser um homem, amanhã terá a obrigação moral de fazer aos outros todo o bem que te fizeram. «recebeste de graça é de graça que deve dar». «Salvaram-te vai tu também salvar os teus irmãos»

A conclusão é de Pai Américo «Seminário de Coimbra. Outubro de 28. Dia em que fui admitido ao Subdiaconado: Voto de pobreza: Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, o grande Mendigo que me tem acumulado de riquezas sem conta, nem peso nem medida, declaro solenemente, humildemente, que nada desejo possuir, nem saber nem pregar, senão a verdadeira riqueza que o mundo ignora e que se chama altíssima Pobreza do meu Senhor Jesus Cristo. E assim, com a consciência clara e visão segura das dificuldades, privações e responsabilidades da vida futura, quero ligar-me a ela por um voto de Pobreza "sub gravi" que hoje juro, humildemente, nas mãos do meu Prelado, renunciando desde já a tudo quanto possuo ou venha a possuir, obrigando-me a viver pobremente do meu trabalho de cada dia e a entregar ao meu legítimo superior tudo quanto sobrar do meu legítimo sustento e decente vestuário. Américo Monteiro de Aguiar. Voto de obediência: «Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se fez obediente até à morte para me dar esta vida divina que nos consome, declaro solenemente e humildemente que de hoje para o futuro desejo viver ligado à vontade do meu Prelado na renúncia inteira da minha vontade, pelo que, humildemente, juro nas mãos, nesta data, voto de obediência inteira "sub gravi". Este é o caminho da verdadeira felicidade.

Padre Quim

PELA CASA DO GAIATO DE SETÚBAL

Continuação da página 1

O não terem "pouso" fixo permitiu que se pudessem apreciar outros locais da nossa costa vicentina, hoje já divulgados nas redes sociais, tais como a "Comporta" ou a Península de Tróia. Levando sempre connosco o respectivo "farnel" que, além de saciar o apetite, significou ocasiões de partilha e de alicerçar as relações familiares que são a índole fundamental da nossa Casa do Gaiato!

Sabendo que a vivência nas "quintas" que integram as Casas compreende períodos vários de trabalhos agrícolas, lá fizemos a "vindima" que foi muito animada e todos deram o seu prestimoso contributo: uns cortando os dourados cachos de uva "moscatel", outros segurando as vasilhas e outros fazendo o transporte para os contentores que, depois de cheios, foram levados à adega do nosso amigo e benfeitor Venâncio Santos Lima de Palmela. Pela informação recolhida, disseram-nos que as uvas estavam saudáveis, muito bem equilibradas na acidez e doçura, tendo atingido uma média de 14 graus, o que decerto contribuirá para a realização de um óptimo "néctar", com o qual também vamos sendo brindados durante o ano...

Padre Fernando

